



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS - IG
IB/ IQ/ CDS/ FACE-ECO
CURSO DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS

Toda pecuária é insustentável?
As Práticas Tradicionais dos Retireiros e Retireiras do Araguaia no bioma
Cerrado

MARCELA DÁLETE DE MORAES SANTOS

BRASÍLIA - DF
OUTUBRO / 2022

MARCELA DÁLETE DE MORAES SANTOS

Toda pecuária é insustentável?
As Práticas Tradicionais dos Retireiros e Retireiras do Araguaia no bioma Cerrado

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Ambientais da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel em Ciências Ambientais, sob orientação da professora Dra. Laura Angélica Ferreira Darnet e coorientação da professora Dra. Enaile do Espírito Santo Iadanza.

BRASÍLIA
OUTUBRO / 2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a)

S SANTOS , Marcela

Toda pecuária é insustentável? As Práticas Tradicionais dos Retireiros e Retireiras do Araguaia no bioma Cerrado / Marcela SANTOS ; orientador Laura Ferreira Darnet; co orientador Enaile Iadanza. -- Brasília, 2022.

54 p.

1. Retireiros do Araguaia. 2. Comunidades Tradicionais.
3. Criação tradicional de gado. 4. Reserva de Desenvolvimento Sustentável . I. Ferreira Darnet, Laura ,

Dedico esse trabalho aos meus ancestrais que percorreram um longo caminho para que eu pudesse chegar até a Universidade, aos Retireiros e Retireiras do Araguaia que são a grande inspiração dessa pesquisa e guardiões do rio Araguaia, e a todos que me auxiliaram e orientaram na busca por uma vida com autonomia, dignidade e alegre rebeldia por meio da educação.

Eu morrerei de pé como as árvores.
Me matarão de pé.
O sol, como testemunha maior,
porá seu lacre sobre meu corpo duplamente ungido.
E os rios e o mar serão caminho de todos meus desejos,
enquanto a selva amada sacudirá, de júbilo, suas cúpulas.
Eu direi a minhas palavras:
— Não mentia ao gritar-vos.
Deus dirá a meus amigos:
— Certifico que viveu com vocês esperando este dia.

(CALSALDÁLIGA, 1976).

Agradecimentos

Quero agradecer em primeiro lugar aos meus guias que me auxiliaram na dura batalha que foi o processo de conclusão desta graduação.

Agradeço também aqueles que foram colocados em meu caminho e proporcionaram a chegada a reta final, em especial aos professores que me orientaram nesse processo.

Muita gratidão aos professores Enaile Iadanza e Manoel Pereira por me apresentarem o mundo para além da Universidade, e por acreditarem na construção de um Brasil mais justo, seus ensinamentos serão levados comigo sempre no coração, das conversas descontraídas até as broncas me formaram para chegar a este momento. Obrigado por sempre acreditarem no meu potencial.

A professora Laura Ferreira agradeço principalmente pela paciência dentre as dificuldades que surgiram nesse processo, sem o seu olhar eu não teria conseguido concluir este trabalho, espero que este seja apenas uma parte do nosso caminho trabalhando juntas.

Ao professor Pedro Togni agradeço pela disposição em avaliar este trabalho.

Agradeço aos docentes do curso de Ciências Ambientais pelos conhecimentos que me foram repassados e que me formam hoje uma cientista ambiental, uma profissional multidisciplinar.

Agradeço também a Elaine Souto, por todo auxílio oferecido durante a graduação e a simpatia de sempre para resolver os problemas dos estudantes.

A professora Cristiane Barreto agradeço pela excelente condução da Coordenação do Curso onde em diversos momentos me acolheu com muito carinho e atenção.

Aos meus colegas de curso agradeço pelos momentos juntos, em especial a minha grande amiga Elisa Fazzolino por compartilhar principalmente as dificuldades da construção desse projeto, sempre oferecendo escuta atenciosa para os momentos difíceis.

Aos colegas das Vivências Amazônicas agradeço por mudarem minha visão de mundo e me ensinarem a ver a vida por outras perspectivas, foi incrível percorrer a Amazônia com todos vocês. Em especial a Jhonnatan Valério e Pedro Simon agradeço pela companhia nas diversas noites na Biblioteca, a parceria de vocês foi essencial.

Por fim agradeço aos meus pais por sempre me oferecerem a melhor educação e por me deixarem livre para descobrir quem eu sou ou gostaria de ser.

RESUMO: Este trabalho buscou descrever parte do modo de vida dos retireiros e retireiras do Araguaia. Essa comunidade tradicional tem como base de seu sistema sócio produtivo a criação de gado, o qual é manejado solto às margens do rio Araguaia. Para a realização deste trabalho foi feita uma revisão bibliográfica sobre a temática e a legislação a respeito da situação do território dos retireiros/as. O principal material do trabalho foram as informações coletadas sobre os retireiros e retireiras do Araguaia em rodas de conversa realizadas durante a Vivência Amazônica em 2019, projeto de extensão do Núcleo de Estudos Amazônicos (NEAz/CEAM/UnB). Posteriormente também foram realizadas entrevistas abertas com lideranças locais para complementar as informações obtidas nas rodas de conversa durante a Vivência Amazônica. Foram ainda utilizados dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para caracterização da região. A comunidade dos Retireiros e Retireiras do Araguaia situa-se no município Luciara, Estado de Mato Grosso e foi fundada em 1934, ocupada principalmente para formação de fazendas de bovinos. Os vaqueiros, camponeses que trabalhavam nas fazendas, são os indivíduos que formaram a comunidade de retireiros e retireiras do Araguaia tendo como costume a criação de gado, que segue o movimento das águas, se dividindo principalmente em dois períodos bem marcados: o de seca e o de cheia. Se autodenominam retireiros porque utilizam áreas chamadas de retiros, onde realizam o manejo do gado nos períodos de seca do rio Araguaia e de onde se retira o gado nos períodos de cheia. Esse modo de vida vem sendo ameaçado pela expansão dos latifúndios e do cerceamento das áreas comuns, utilizadas para a criação do gado nos períodos chuvosos. A comunidade passa por dificuldade para ter sua área demarcada, isso porque para a manutenção do modo de vida dos retireiros e retireiras é importante a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), que é a principal luta desses retireiros para manter sua identidade e uma forma de permitir que a prática se perpetue, visando por meio da preservação do ambiente, trazer a sustentabilidade do modo de vida. Destaca-se que nem toda prática pecuária é insustentável, mas que para a sustentabilidade ocorra é preciso buscar a utilização de diferentes técnicas de manejo, principalmente aquelas que tenham consonância com os ciclos naturais do ambiente.

Palavras-chave: Retireiros do Araguaia; Comunidades Tradicionais; Criação tradicional de gado; Reserva de Desenvolvimento Sustentável.

ABSTRACT: This work sought to describe part of the way of life of the Araguaia retirees. This traditional community's socio-productive system is based on cattle ranching, which is handled freely on the banks of the Araguaia River. In order to carry out this work, a bibliographic review was carried out on the subject and the legislation regarding the situation in the territory of the retirees. The main material of the work was the information collected about Araguaia retirees and retirees in conversation circles held during the Amazonian Experience in 2019, an extension project of the Center for Amazonian Studies (NEAz/CEAM/UnB). Subsequently, open interviews were also carried out with local leaders to complement the information obtained in the conversation circles during the Amazonian Experience. Data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) were also used to characterize the region. The community of Retireiros and Retireiras do Araguaia is located in Luciara, State of Mato Grosso and was founded in 1934, mainly used for the formation of cattle farms. The vaqueiros, peasants who worked on the farms, are the individuals who formed the community of retireiros and retireiras of the Araguaia, with the custom of raising cattle, which follows the movement of the waters, being divided mainly into two well-marked periods: the drought and the full. They call themselves retireiros because they use areas called retreats, where they manage the cattle in the dry periods of the Araguaia River and from where the cattle are removed during the flood periods. This way of life has been threatened by the expansion of large estates and the enclosure of common areas, used for raising cattle in the rainy season. The community has difficulties in having its area demarcated, because in order to maintain the way of life of the retirees, it is important to create the Sustainable Development Reserve (RDS), which is the main struggle of these retireiros to maintain their identity and a way of allowing the practice to be perpetuated, aiming, through the preservation of the environment, to bring about the sustainability of the way of life. It is noteworthy that not every livestock practice is unsustainable, but for sustainability to occur, it is necessary to seek the use of different management techniques, especially those that are in line with the natural cycles of the environment.

Keywords: Retirers from Araguaia; Traditional Communities; Traditional livestock farming; Sustainable Development Reserve.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cobertura e uso da terra no Bioma Cerrado 2018.

Figura 2 – Localização do Município de Luciara no Mato Grosso.

Figura 3 - Evolução do efetivo de bovinos no Brasil no período de 1974 a 2018.

Figura 4 – Principais mudanças na cobertura e uso da terra no Brasil, por biomas – 2016/2018.

Figura 5 – Evolução do efetivo de bovinos, segundo as Grandes Regiões – 1985-2016.

Figura 6 – Ranking e variação anual do abate de bovinos – Unidades da Federação – 2º trimestre de 2020 e 2021.

Figura 7 - Representação do crescimento efetivo do rebanho bovino no estado do Mato Grosso.

Figura 8 – Roda de Conversa: Retireiros e Retireiras do Araguaia.

Figura 9 – Roda de conversa as margens do Rio Araguaia.

Figura 10 – Caminho de chegada ao território de Mato Verdinho.

Figura 11 – Bezerro utilizado geralmente como pagamento.

Figura 12 – Paçoca de carne de sol com gergelim

Figura 13 – Margem do Rio Araguaia na Cidade de Luciara – MT

Figura 14 – Retireiro realizando o manejo do gado.

Figuras 15 e 16 - Ilustração do bordado realizado pelas mulheres retireiras.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	15
3. REFERENCIAL TEÓRICO	16
3.1 Brasil	16
3.2 Cerrado e Amazônia (transição)	18
3.3 Mato Grosso: sua história e ocupação pela pecuária bovina	22
3.4 Formas de Criação de Gado no Brasil	24
3.4.1. Manejos em criações convencionais, destino da produção e associação com a soja	24
3.4.2. Criações familiares e de PCT: manejos diferenciados, destino de produção. 26	
4. METODOLOGIA	31
4.1. Origem da pesquisa	31
4.2. Localização da área de estudo	32
4.3. Público estudado (amostragem)	33
4.4. Levantamento de dados: conhecendo a realidade	33
5.RESULTADOS e DISCUSSÃO	35
5.1. Quem são os retireiros?	35
5.2 Conflitos e manutenção do modo de vida	44
6. CONCLUSÃO	47
7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

1. INTRODUÇÃO

O território brasileiro é composto por uma extensa e rica biodiversidade que ao longo da história vem sendo fruto de intensas disputas por recursos e uso da terra. Uma das principais atividades campestres desenvolvidas atualmente neste território, principalmente no Bioma Cerrado, trata-se da criação de gado, aonde o animal criado poderá vir a ser um predador ou um colaborador para o meio ambiente.

Segundo Teixeira e Hespanhol (2014), a pecuária bovina vem exercendo papel importante na economia brasileira desde o período colonial. Apesar da ocorrência de mudanças na produção agropecuária ao longo da história, a pecuária bovina continuou sendo a atividade que ocupa a maior área dos estabelecimentos agrícolas do país. Dessa forma, podemos relacioná-la com a responsabilidade por novos desmatamentos, conforme demonstram dados apresentados por Ricardo e Campallini (2008), onde no Estado de Goiás, 87,4% da área de desmatamento autorizada pelo órgão estadual de meio ambiente em 2001 se destinava à área de pastagens, enquanto a agricultura responsabilizou-se por apenas 9,5% dos desmatamentos legais. Este cenário não se diferencia muito da atualidade.

No caso do Bioma Cerrado a criação de bovinos costuma ser exercida desde o Século XVII, e foi amplamente desenvolvida principalmente no estado do Mato Grosso, que será a região abordada neste estudo de caso, ocorrendo sobretudo nos moldes do agronegócio. Entretanto, várias outras formas de criação de bovinos coexistem em diferentes territórios do cerrado, e detêm importância social e econômica, como para as comunidades tradicionais e agricultores familiares que tem na criação de gado, parte de suas culturas. Por isso “há necessidade de incluir o manejo de gado nas discussões a respeito da gestão participativa da savana brasileira, assim como compreender qual o real impacto desta atividade no Cerrado” (LÚCIO, 2013 p: 16).

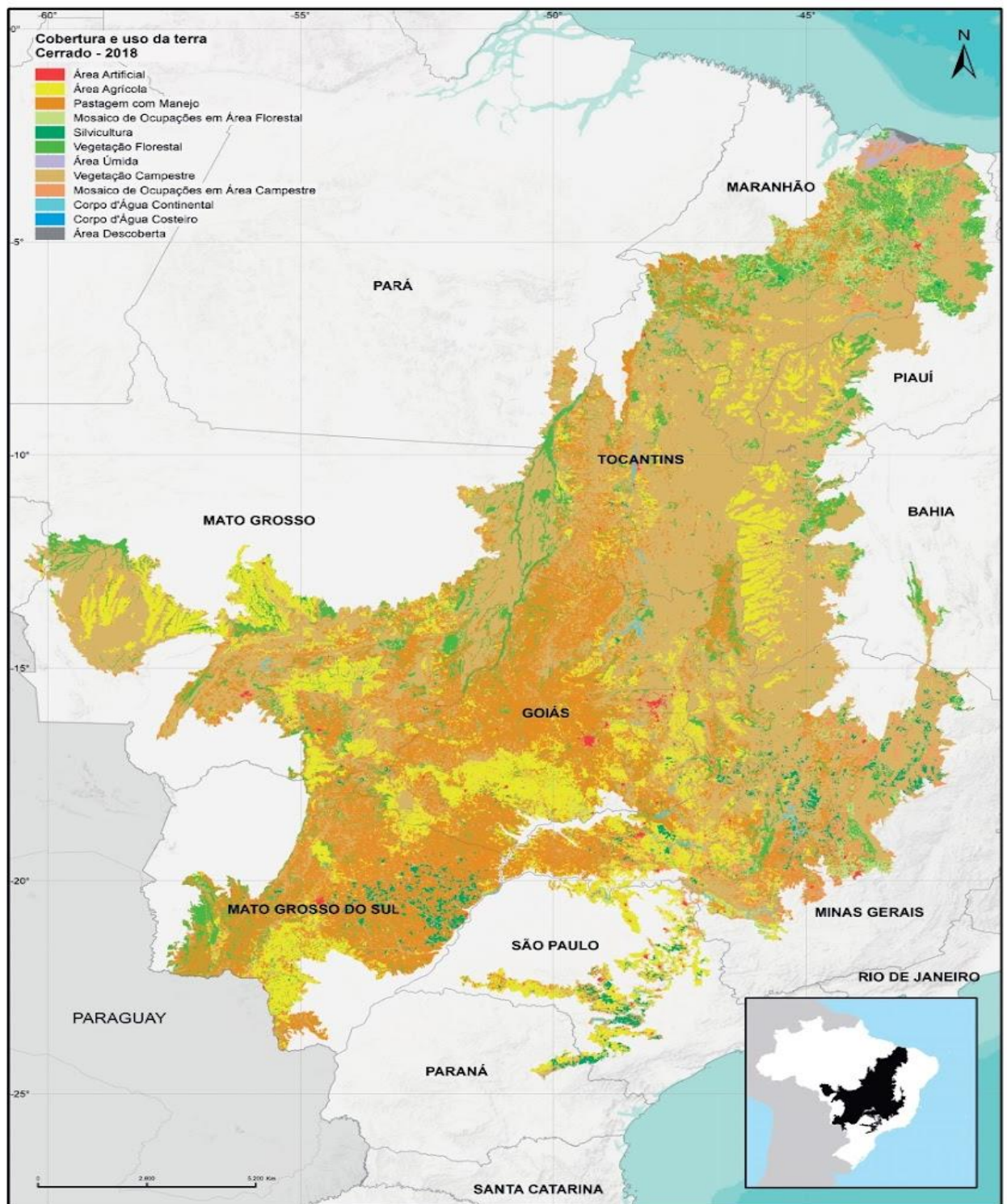
O Bioma Cerrado tem grande parte de sua extensão localizada na região Centro-Oeste do Brasil, que de acordo com Valentim e Andrade (2009), abriga a maior área de pastagens do Brasil (33,3%). No cenário atual, de acordo com o Censo Agropecuário 2017, o estado do Mato Grosso é o maior produtor de bovinos no território brasileiro, contando com um rebanho de 32.424.958 cabeças de gado até o ano de 2021 (IBGE, 2017). A principal questão relacionada a esses números tem base na dinâmica utilizada nas produções que abarcam esses rebanhos, uma vez que, existem hoje no Brasil diferentes formas de se praticar a pecuária. No caso, as criações de gado que estão

representadas nesses números, tem em sua maioria, princípios norteados pela lógica do agronegócio. Esta é uma forma de pecuária que funciona contando com a intensa substituição do uso de pastagens naturais por pastagens cultivadas, estabelecidas com a utilização de gramíneas exóticas, de rápido crescimento, o gênero *Brachiaria* é uma das mais popularmente utilizadas.

No processo de consolidação da criação de gado baseado nos aspectos do agronegócio no Brasil, dados dos anos de 1975 e 1996, demonstram um cenário de incentivo a ocupação de áreas para criação de bovinos, onde houve um crescimento das áreas de pastagens cultivadas que passaram de 24% para 56%, enquanto as pastagens naturais tiveram suas áreas reduzidas de 76% para 44%. Isto ocorreu, principalmente, como consequência da conversão de áreas de vegetação nativa dos biomas Cerrado e Amazônia em pastagens cultivadas com o avanço da ocupação da região para o estabelecimento de agronegócios neste período (VALENTIM e ANDRADE, 2009).

Essa mudança no uso da terra, demonstrada pelo crescimento das áreas de pastagens cultivadas, se justifica pela alta demanda de terras que o agronegócio requer, pois além das áreas de pastagem para manejo do gado, se fazem necessárias grandes concentrações de terra para cultivo de insumos utilizados na alimentação dos animais, como a soja e o milho. Conforme podemos observar na Figura 1, a maior causa da conversão de uso da terra no Bioma Cerrado é representada por ocupação por áreas agrícolas e pastagem com manejo. É possível visualizar também que a região mato-grossense está localizada em uma zona denominada ecótono, que se tratam de áreas de transição ecológica entre os biomas Cerrado e Amazônia. Cabe ressaltar que, este importante ecótono tropical está inserido em uma fronteira agrícola conhecida mundialmente como “Arco do Desmatamento” (BONINI, 2019). Nesta região, extensas áreas de floresta nativa têm sido convertidas em pastagens e lavouras por meio de desmatamento direto e queimadas, dando origem a um preocupante cenário de degradação florestal (COE et al. 2013 apud BONINI, 2019).

Figura 1 – Cobertura e uso da terra no Bioma Cerrado 2018.



Fonte: MONITORAMENTO da cobertura e uso da terra do Brasil 2016-2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101703>. Acesso em: ago. 2020.

De acordo com o MapBiomias (2022), 45,43% da área total do Cerrado está atualmente sendo utilizada para agropecuária. Desta porcentagem 24% é utilizada para áreas de pastagem, enquanto as áreas de vegetação nativa ocupam 44,62%. Quanto a produção no Brasil, segundo a Embrapa (2020), as áreas ocupadas por pastagens nativas representam 8,0% do território nacional, enquanto as pastagens plantadas representam

13,2% da área do Brasil. Demonstrando que existem diferentes formas de fazer uso de pastagem, porém se sobressaindo atualmente as zonas de pastagens plantadas, comumente utilizadas pelo agronegócio.

Nesta forma de agropecuária, utilizada pelo agronegócio, que neste trabalho será abordada como ‘prática convencional’, o principal objetivo é a comercialização e o lucro, um sentido inverso ao da produção da agricultura familiar e de comunidades tradicionais, que serão aqui tratadas como ‘práticas tradicionais’, e se aplicam em uma grande diversidade de situações, com objetivos principalmente de criação para o autoconsumo e como forma de poupança como foi largamente descrito na literatura relacionada à pecuária campesina, contando com a venda desses animais para necessidades financeiras mais importantes, como bem estar da família e infraestrutura residencial e produtiva (Ferreira, 2001; Veiga et al. 2004; Ferreira et al, 2020; Carneiro et al, 2020). Nas criações convencionais, o uso intensivo dos recursos naturais e conseqüentemente da área implantada com pastagens, culminando em avanço sobre novas áreas, incorre em uma situação de insustentabilidade, pois o longo prazo para a atividade é comprometido caso novas áreas não sejam incorporadas ao processo.

Do contrário, para os agricultores familiares e para os povos e comunidades tradicionais, entende-se que a criação de gado está diretamente relacionada ao sustento do grupo doméstico e a manutenção e realização de sua cultura, de forma que a sustentabilidade da produção é também a sustentabilidade de seu modo de vida. Os denominados "conhecimentos tradicionais", de acordo com Abreu (2009 p:68) podem ser “definidos como inovações e criações de base tradicional resultantes da atividade intelectual nos campos industrial, científico, literário ou artístico”. A classificação de comunidade tradicional detentora desses conhecimentos é descrita segundo o Art. 3º do Decreto Nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007 como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

Classificados nessa categoria, para este estudo foram identificadas as seguintes comunidades que empregam práticas pecuárias como seu modo de subsistência, de acordo

com o § 2º do Decreto nº 8.750, de 9 de maio de 2016 (institui o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais), são os denominados:

XIII - geraizeiros;

XIV - caatingueiros;

XVIII - pantaneiros;

XXIII - retireiros do Araguaia;

XXIV - comunidades de fundos e fechos de pasto;

(BRASIL, 2016).

Para estes povos a criação do gado representa em sua estrutura social, parte essencial do seu sustento e elemento importante na formação de suas culturas, principalmente no caso dos retireiros e retireiras do Araguaia. O manejo do gado por esse povo representa um importante elemento na construção de sua identidade, neste caso sendo realizado em total consonância com o meio ambiente, sem grandes alterações antrópicas por parte dos retireiros. Neste sentido, as práticas e usos do meio se diferenciam muito na cultura de cada agricultor familiar e comunidade tradicional. Existem práticas que demandam áreas antropizadas, mas ao exemplo dos retireiros não existe essa necessidade, uma vez que o gado é criado em meio ao cerrado nas pastagens nativas.

Este estudo se concentrará então no modo de vida, cultura e criação de gado dos retireiros e retireiras do Araguaia, que ocupam área de vegetação campestre, a qual permite a manutenção da vegetação natural em consonância com o manejo dos animais. Estas áreas veem sendo cercadas pelo agronegócio por todos os lados, de modo que impede a continuidade e preservação do modo de vida dos retireiros e retireiras do Araguaia, além da perda de biodiversidade ocasionada por esse avanço.

O tema deste trabalho foi motivado pela visita realizada em 2019 à comunidade de Mato Verdinho, a qual abriga os denominados Retireiros e Retireiras do Araguaia, localizada no município de Luciara, no estado do Mato Grosso. Este contato com a comunidade só foi possível graças ao Projeto de Extensão Vivência Amazônica, oferecido pelo Núcleo de Estudos Amazônicos (NEAZ/CEAM/UnB). O trabalho buscará descrever a prática pecuária dos Retireiros e Retireiras do Araguaia, para um maior entendimento de experiências em que a pecuária bovina seja realizada em consonância com o meio

ambiente e o ecossistema onde é praticada, acompanhando os ciclos da natureza, verificando a sustentabilidade desses processos. Ademais será discutida brevemente a realidade vivida no território ocupado pelos Retireiros e Retireiras do Araguaia, onde haverá ressalvas para os ataques sofridos na luta pela manutenção de suas culturas, tendo em vista que o território é essencial para manutenção de seu modo de vida.

Portanto o estudo se propôs a descrever brevemente a cultura de criação gado na região Centro-Oeste, em seguida contrapor às práticas consideradas ‘convencionais’ com as ‘tradicionais’, realizadas por agricultores familiares e comunidades tradicionais, em particular os retireiros e retireiras do Araguaia, a partir da explanação das estratégias produtivas que deram origem à cultura utilizada por essa comunidade para a criação de gado. Sabendo que a pecuária exercida pelos retireiros utilizada tem estreita relação do homem com os ciclos da natureza, de que forma as práticas e símbolos se relacionam com a sustentabilidade.

Considerando os pontos abordados, como as práticas tradicionais realizadas pelos retireiros e retireiras do Araguaia possibilitam uma pecuária sustentável no Cerrado?

2. OBJETIVOS

Geral

Abordar as técnicas tradicionais da pecuária praticada pelos retireiros e retireiras do Araguaia no Cerrado.

Específicos

- Identificar as formas de manejo do gado utilizadas pelos retireiros e retireiras do Araguaia.
- Entender como a pecuária se insere economicamente na cultura das comunidades tradicionais.
- Identificar os conflitos sofridos pelos retireiros e retireiras.
- Analisar a sustentabilidade do modelo para entender se todas as práticas pecuárias são insustentáveis, ou se a forma com que ela é praticada que pode ou não levar a uma insustentabilidade.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Brasil

O potencial produtivo do setor pecuário bovino brasileiro se conduziu ao longo da história partindo de um grande incentivo por parte do Estado, onde visava-se a ocupação de áreas, teoricamente “desocupadas”, consideradas assim por não estarem gerando lucros diretos para a economia do país. Esses recursos de incentivo podem ser empregados pelo Estado com intuito de gerar crescimento econômico basicamente de três modos:

- (i) Gastos públicos que promovem a indução da demanda agregada via despesas de consumo e massa salarial;
- (ii) Investimentos públicos; e
- (iii) Investimentos privados estimulados pelo setor público, por meio de fontes pública de crédito ou subsídios e subvenções (BNDES, 2014).

Estes investimentos se consolidaram principalmente na região Centro-Oeste brasileira, onde a produção industrial, em grande medida, está atrelada ao agronegócio num cenário onde essa dinâmica está diretamente ligada ao desenvolvimento da infraestrutura de transportes, atraindo para a região empresas comerciais. Conforme aborda o relatório do BNDES:

Percebe-se no Centro-Oeste uma dinâmica em que, nas cidades onde a produção agropecuária se destaca, a infraestrutura de transportes acompanha esse desenvolvimento e, em consequência, ocorre uma atração de empresas comerciais e transformadoras. Assim, a partir de uma base agropecuária formada, inicia-se um processo de diversificação industrial (BNDES, 2014 p: 58).

O agronegócio atualmente representa grande importância para o setor econômico brasileiro, principalmente no que diz respeito a criação de gado. O efetivo de bovinos no Brasil dos anos 1974 a 2018 alcançou 213,80 milhões de cabeças (Figura 2), com crescimento significativo e constante, demonstrando um crescimento na ocupação de áreas onde se realizam principalmente as práticas convencionais.

Figura 2 - Evolução do efetivo de bovinos no Brasil no período de 1974 a 2018.



Fonte: IBGE – Pesquisa da Pecuária Municipal (2020)

O crescimento do rebanho bovino traz consigo alguns estímulos na produção do país, como por exemplo, maior demanda por produção de ração animal, gerando outros impactos ambientais para produzir os grãos que geralmente são empregados na alimentação do gado, ressaltando a relação entre desmatamento e o aumento da criação de gado no Brasil. Esse crescimento se confirma segundo Relatório do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA: “os grãos, como soja e milho, são importantes insumos para a produção de rações animais. Ademais, o excelente desempenho das exportações brasileiras de carnes ao longo do ano estimulou a demanda e então a produção nacional de ração animal” (CNA; CEPEA, 2021).

Essa participação na composição da economia brasileira, faz com que o enfoque da produção seja para exportação e obtenção de lucros a níveis que transpassam a questão individual do consumo de carne, sem se preocupar com a sustentabilidade do ambiente que abarca essa produção. O interesse na comercialização internacional da carne faz com que as variações de mercado tenham enorme influência sobre a produção do país. Esses dados são preocupantes porque demonstram um controle econômico sobre a biodiversidade, calculando o valor das terras e produções apenas levando em conta a economia nacional e não a qualidade de vida e a soberania alimentar, de forma que os brasileiros não são os principais consumidores dessa carne. Conforme dados do Relatório do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada CEPEA:

Sobre a carne bovina, as indústrias foram beneficiadas pelo ritmo aquecido de exportações e pela desvalorização do Real frente ao dólar, o que propiciou importantes ganhos de receitas. Porém, para aquelas que atendem exclusivamente o mercado doméstico, os resultados foram menos favoráveis, devido ao patamar de preços que a matéria-prima atingiu, renovando a máxima

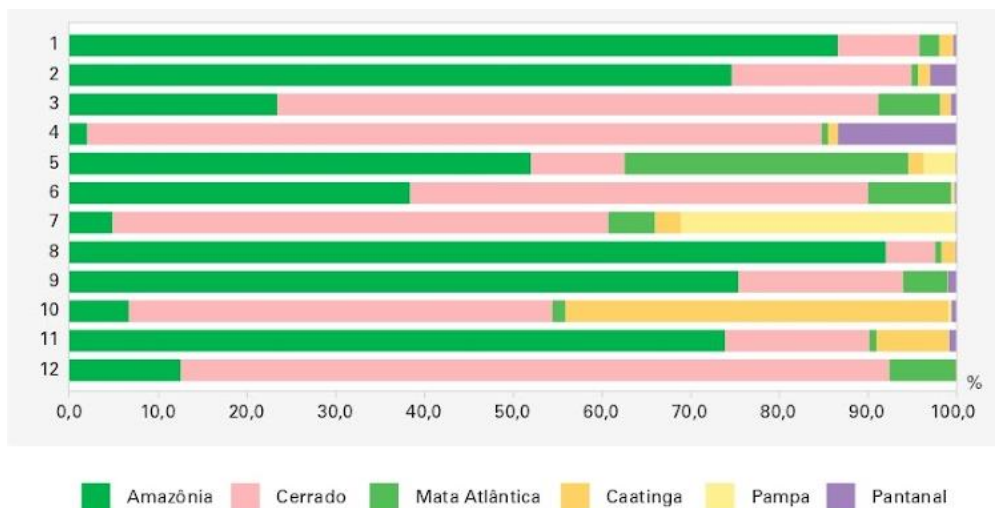
da série histórica do Cepea, e à redução do poder de compra da população brasileira frente à crise desencadeada pela pandemia (CNA; CEPEA, 2021).

A atividade pecuária realizada pelo agronegócio pode ser consolidada principalmente a partir de políticas públicas de subsídios e financiamento para estruturação de um mercado de carnes voltado principalmente para exportação, que pode vir a gerar impactos ambientais diretos e indiretos. Essa atividade tem sido incentivada principalmente nos Biomas Cerrado e Amazônia, apresentando grandes números em todos os biomas brasileiros, onde para avaliação faz-se necessário levar em consideração as diferentes categorias existentes de agropecuária.

3.2 Cerrado e Amazônia (transição)

Dando seguimento a este raciocínio, aborda-se que o bioma cerratense em conjunto com o amazônico sofrem impactos constantes do avanço da ocupação de terras para prática de atividades pecuárias. Este avanço pode ser visualizado observando a proporção das principais mudanças na cobertura e uso da terra no Brasil (Figura 3). Este gráfico apresenta uma análise por meio de um recorte dos biomas, elucidando um padrão na Amazônia e no Cerrado. Cabe destacar as categorias de mudanças de 1 a 4, que representam mudanças de uso da terra para ampliação de pastagens nas regiões. Podemos perceber a Amazônia e o Cerrado ocupando maior posição nestas categorias, sendo principalmente as zonas de vegetação campestre do cerrado as que sofreram maiores mudanças para pastagem com manejo, representando quase 90% das mudanças apresentadas no gráfico para a categoria número 4. No caso da Amazônia, representa maior taxa de mudança de vegetação florestal para pastagem com manejo, correspondendo a 90% da categoria número 1.

Figura 3 – Principais mudanças na cobertura e uso da terra no Brasil, por biomas – 2016/2018.



Tipo de mudança

	De	Para
1	Mosaico de Ocupações em Área Florestal	Pastagem com Manejo
2	Vegetação Florestal	Pastagem com Manejo
3	Área Agrícola	Pastagem com Manejo
4	Vegetação Campestre	Pastagem com Manejo
5	Mosaico de Ocupações em Área Florestal	Área Agrícola
6	Pastagem com Manejo	Área Agrícola
7	Vegetação Campestre	Área Agrícola
8	Vegetação Florestal	Mosaico de Ocupações em Área Florestal
9	Pastagem com Manejo	Mosaico de Ocupações em Área Florestal
10	Vegetação Campestre	Mosaico de Ocupações em Área Campestre
11	Mosaico de Ocupações em Área Florestal	Vegetação Florestal
12	Pastagem com Manejo	Silvicultura

Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, 2020.

A comunidade de retireiros e retireiras do Araguaia está localizada em zona de transição de Cerrado com Amazônia, denominadas ecótono, por isso a relevância de se contextualizar a cobertura e uso da terra nessas regiões, para que possamos entender o que ameaça esse modo de vida, além de representar um contraponto ao sistema de produção que tem sido empregado no Brasil. Portanto, cabe destaque a essa interligação entre os biomas por zonas de transição pela existência de uma faixa de natureza continua que se diferencia pelas diferentes condições climáticas que definem a composição da vegetação.

Cabe destacar que para efetivação da ocupação de terras para criação de bovinos, foram estruturadas pelo governo federal agências, para incentivar as atividades agropecuárias por meio de incentivo fiscal, estes incentivos estavam relacionados a subsídios e financiamento de projetos agropecuários, os quais se estenderam por diversas regiões e biomas. Alguns dos objetivos desses incentivos eram para:

- a) garantir a integridade do território nacional;
- b) explorar os recursos naturais; e

c) fornecer terra aos colonos que foram excluídos do crescimento econômico de outras regiões devido à concentração de terra ou mecanização agrícola (VEIGA et al., 2004 p: 17).

O processo de ocupação da região de estudo, na área de Mato Verدينho, no Município de Luciara, tem ligação com os incentivos federais assim como também pela diversidade ecossistêmica existente nessas zonas de transição, abarcando áreas de grande riqueza biológica e principalmente em zonas de vegetação campestre na parte que ainda se classifica como cerrado. Estas últimas são as mais propícias para realizar a criação do gado, enquanto as áreas de florestas amazônica representam maior dificuldade para o estabelecimento das criações, por terem vegetação predominantemente arbórea. Apesar das características favoráveis das fitofisionomias do cerrado, com destaques para as áreas com gramíneas nativas, o que observamos pelos dados de uso do solo apresentados na Figura 3, é a substituição das áreas vegetação nativa, em especial de Campos Nativos por gramíneas exóticas, como as do gênero *Brachiaria*.

O Cerrado se diferencia dos biomas onde predominam as florestas, como a Mata Atlântica e a Amazônia, pela presença, em sua maior parte, de fitofisionomias campestres. Nas regiões onde predominam ecossistemas florestais, a criação de gado é considerada uma das atividades de maior impacto sobre a biodiversidade nativa, por exigir o desmatamento para a introdução de capins. Em ecossistemas com predominância de gramíneas, a presença do gado e de outros grandes herbívoros deve ser analisada de maneira distinta (CARVALHO, 2014).

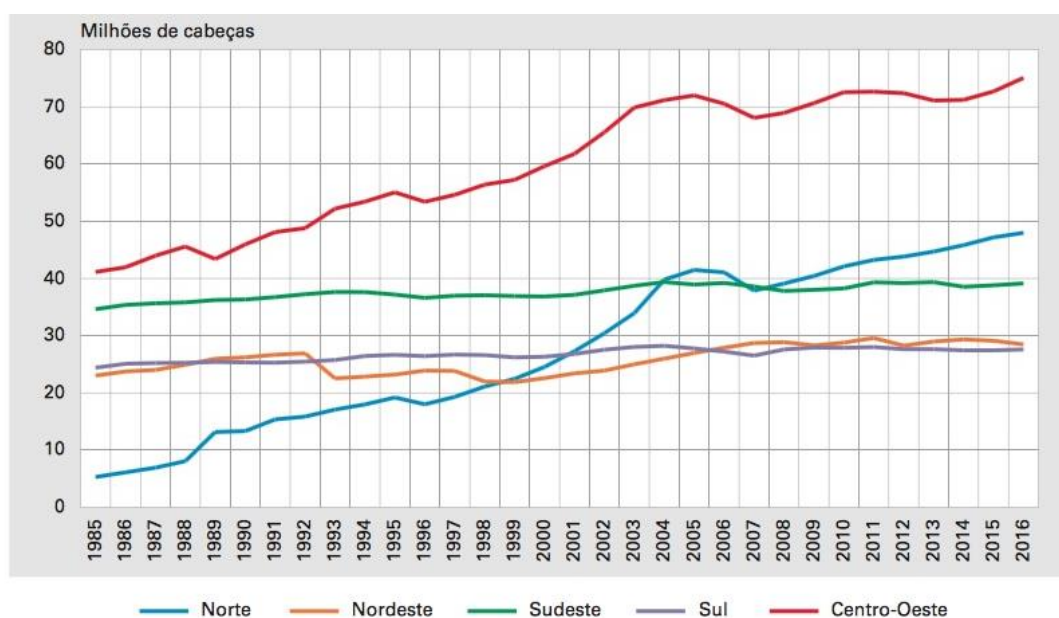
Por conta da facilidade oferecida em estabelecer as práticas em fitofisionomias campestres, os indivíduos que constituíram a formação do território retireiro são provenientes principalmente do estado do Pará, onde predomina a vegetação florestal (SOARES, 2004). As famílias que deram origem ao povoado, começaram a ocupar a área por meados de 1934. Para o deslocamento as famílias utilizavam como principal via de acesso a navegação pelo rio Araguaia, que representa a principal interligação entre os estados do Pará e Mato Grosso (SOARES, 2004).

O cenário atual abarca o Cerrado como produtor de 50% da soja nacional, esta é produzida com objetivo de alimentar o gado do agronegócio, majoritariamente destinada à alimentação do gado europeu e norte-americano, ou objetivando venda para frigoríficos no Brasil (DUARTE, 2008). Essa alta taxa de produção de soja aponta que a criação de gado se baseia na ideia de que humanos e natureza estão separados, onde busca-se

insumos externos ao ambiente para alimentação do gado, esse pode ser considerado um pensamento oposto ao da preservação ambiental, por que a prática pecuária em si não está totalmente desvinculada da relação com o meio ambiente. Principalmente na região do Cerrado, os criadores de gado que utilizam práticas tradicionais não atuam necessariamente como destruidores, mas pelo contrário, as técnicas empregadas podem ser vistas como parte de uma longa tradição de envolvimento com o meio ambiente (HOELLE, 2021), que no caso dos retireiros, se consolida no manejo do gado em sintonia com a natureza e seus ciclos.

A Figura 4 apresenta a evolução do efetivo de bovino segundo as grandes regiões. Nesta representação é possível observar um crescimento exponencial na região Centro-Oeste, sendo a mesma ocupada por camponeses provenientes de diversas regiões do Brasil, reflexo do investimento estatal na ocupação das áreas de Cerrado por suas características propícias a consolidação mais rápida de zonas de produção de carne bovina (Figura 4).

Figura 4 – Evolução do efetivo de bovinos, segundo as Grandes Regiões – 1985-2016



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa da Pecuária Municipal 1985-2016.

De acordo com o Relatório de Produção da Pecuária Municipal, dentre os 20 municípios com os maiores efetivos, 13 situavam-se no Centro-Oeste; seis no Norte; e um no Sul do País. O relatório descreve ainda a necessidade de entendimento da forma que a criação desses animais tem ocorrido, uma vez que dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (United States Department of Agriculture - USDA) apontam o Brasil como o detentor do segundo maior efetivo de bovinos do mundo, sendo responsável por 22,2% do rebanho mundial, atrás apenas da Índia. O País foi também o segundo maior produtor de carne bovina, responsável por 15,4% da produção global. Os Estados Unidos (maior produtor mundial), o Brasil e a União Europeia, juntos, representaram quase metade de toda a carne produzida no mundo em 2016 (IBGE, 2016).

As práticas de agropecuária, que estão diretamente ligadas a degradação ambiental, devem ser trazidas à tona, com objetivo de pensar as diferentes possíveis propostas existentes para essa problemática, aliadas a necessidade de conservação da biodiversidade. O intuito dessa reflexão deve ser a implementação de práticas que visem o desenvolvimento sustentável, onde se possa alcançar um ponto de equilíbrio entre a necessidade de desenvolvimento, progresso econômico e preservação da natureza, assegurando os bens naturais para as presentes e futuras gerações. Essa busca é o que motiva a descrição de práticas tradicionais ou de criação de gado na agricultura familiar, visando descrever diferentes técnicas que podem ser sustentáveis nas áreas descritas.

A sustentabilidade da pecuária também está ligada à sua capacidade de manter os camponeses, neste caso os vaqueiros, em seus territórios e mantendo seus modos de vida. Com a impossibilidade de consolidação de seus modos de vida, esses indivíduos passam a viver à margem da sociedade, sem emprego e sem-terra. A prova disso se dá pelo fato de que “as áreas de agricultura comercial consolidadas no Cerrado são aquelas onde há hoje menor disponibilidade de empregos por área utilizada” (RICARDO e CAMPALINI, 2008 p:130).

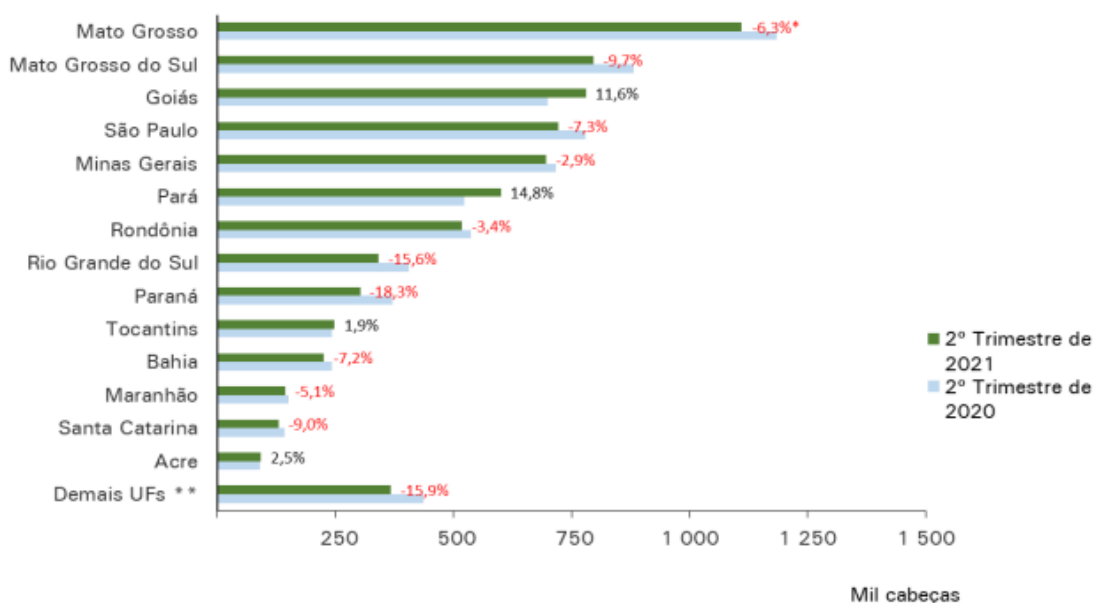
3.3 Mato Grosso: sua história e ocupação pela pecuária bovina

O primeiro movimento expressivo de ocupação demográfica do estado de Mato Grosso, iniciou-se na década de 1930, liderado pelo então governo de Getúlio Vargas, que elaborou uma ação política de integração territorial conhecida como “Marcha para o Oeste” (BNDES, 2014). A ocupação por parte dos vaqueiros que atualmente são

chamados de retireiros do Araguaia, também se deu por meados dos anos 30 e foi liderada pelo Coronel Lucio Penna da Luz, um pecuarista vindo do sul do Pará. Dentre outras ações políticas visando desenvolvimento, essa ocupação esteve diretamente associada com a exploração da fronteira agrícola, iniciada a partir da ocupação por pequenos agricultores familiares, onde a partir da década de 1970 passou a atrair também os médios e grandes empreendedores (BNDES, 2014).

Dados que dizem respeito a variação anual do abate de bovinos atestam um grande número de animais existentes no Brasil (Figura 5), considerando por unidade da Federação, apontando estados que integram o bioma Cerrado como os três com maior número de animais abatidos anualmente, sendo os que demonstraram maiores valores respectivamente, o Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Figura 5 – Ranking e variação anual do abate de bovinos – Unidades da Federação – 2º trimestre de 2020 e 2021.



Fonte: IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação da Agropecuária. Pesquisa Trimestral do Abate de Animais. 2020. ii e 2021. ii.

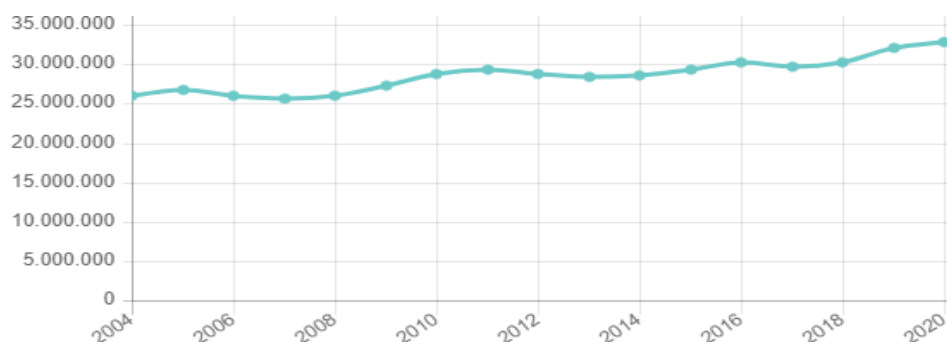
As características únicas que compõe a área do Estado do Mato Grosso favorecem a criação extensiva, que se trata da criação do gado solto em grandes áreas de pasto, além de aliar-se a proximidade de centros de produção de grãos e agroindústrias na criação de animais em zonas de pasto, inclusive a instalação de confinamentos com objetivo de engordar os animais para o abate. Contando com o avanço econômico e o lucro obtido

pelos latifundiários ou integrantes do agronegócio, a instalação de frigoríficos facilita o escoamento da produção para outros estados ou países (BEEFPOINT, 2017).

De fato, a pecuária no Estado do Mato Grosso vem apresentando altas taxas de crescimento (VEIGA et al., 2004), e a ocupação desordenada desses territórios para criação de gado segue em taxas crescentes, demonstrando crescimento efetivo do número de cabeças de gado no estado, atendo-se ao fato de que esta região representa uma das principais fronteiras agropecuárias do país. Em uma análise temporal da evolução dessa taxa, o Censo IBGE aponta crescimento de 26,17% no número de cabeças de gado no estado do Mato Grosso, no período de 2004 a 2020 (Figura 6), representando uma tendência a expansão da criação de gado na região.

Figura 6 - Representação do crescimento efetivo do rebanho bovino no estado do Mato Grosso.

Cabeças



Bovino / **Efetivo do rebanho** (Unidade: cabeças)

Fonte: IBGE, 2020.

3.4 Formas de Criação de Gado no Brasil

3.4.1. Manejos em criações convencionais, destino da produção e associação com a soja

A criação de gado realizada nos sistemas do agronegócio conta com avanços tecnológicos que visam a modernização do campo, objetivando o crescimento da produtividade, buscando aumentar a receita econômica obtida com essa produção. Suas estratégias seguem uma lógica de organização empresarial, o que hoje é tido como desenvolvimento. Porém, todo esse avanço não representou de fato nenhuma mudança substancial na estrutura agrária brasileira, muito menos nas relações de produção e de

trabalho no campo. Na verdade, tem trazido para o território nacional maior concentração de terra e de renda e relações de trabalho precarizadas (CANUTO, 2004). Além disso, oprime cada vez mais os povos tradicionais que habitam áreas para realização de seus costumes, uma vez que estas são consideradas ‘improdutivas’ por não corresponderem à lógica capitalista, que visa ocupá-las para estabelecimento de latifúndios associados à produção de *commodities*, como a soja, promovendo a exclusão de diferentes formas de agricultura no espaço agrário, dominando pela intensa produtividade, como forma de ampliar o controle sobre o território e as relações sociais que o permeiam, acentuando as injustiças sociais (CANUTO, 2004).

A tendência do sistema convencional é a de invisibilizar e impossibilitar cada vez mais a produção e as práticas relacionadas aos sistemas tradicionais, até o ponto em que haja o seu desaparecimento por completo. Assim como a concentração de terra com a formação dos latifúndios, as práticas do agronegócio hoje representam grande ameaça para o modo de vida dos retireiros e retireiras do Araguaia, e também de outros povos.

De acordo com o Ricardo e Campallini (2008), algumas das formas de preparar a terra para criação de gado tem intensa relação com a dinâmica do desmatamento no Cerrado. Um exemplo seria quando os fazendeiros, visando a diminuição dos custos do desmatamento, se associam aos carvoeiros, os quais agenciam a mão-de-obra e instalam os acampamentos e fornos necessários à produção do carvão com o Cerrado desmatado. Essa prática evita que os fazendeiros simplesmente queimem a matéria vegetal do desmate. Uma vez concluída a retirada da vegetação, as pastagens são semeadas (RICARDO e CAMPALLINI, 2008).

Acontece que, conforme este exemplo, nem sempre existe um preparo técnico para realização tanto do preparo do terreno, como para o uso da área, e o resultado mais frequente é a degradação da qualidade do pasto pelo sobre pastoreio e falta de cuidados básicos. Essa degradação geralmente desencadeia no abandono da área e abertura de outra, onde o custo apresenta-se atrativo. Neste sentido, “dois fatores são fundamentais para que o desmatamento continue sendo uma alternativa economicamente viável: a falta de capacidade dos órgãos de meio ambiente para a fiscalização e a existência de mercado consumidor para o carvão vegetal” (RICARDO e CAMPALLINI, 2008 p: 129).

O manejo do gado no sistema convencional extensivo é descrito por Almeida e May (2016) em diferentes práticas de manejo, sendo essas as principais características da pecuária bovina realizada nos latifúndios, as quais são responsáveis pelos impactos ambientais negativos no ambiente natural. É importante lembrar que algumas dessas

características também são utilizadas pelas comunidades tradicionais, não somente pelo agronegócio ou latifúndio, porém em diferentes escalas.

Características do Manejo Convencional extensivo

-
- Uso contínuo do fogo intensivo para a queima da matéria orgânica seca das pastagens;
-
- Não há geralmente uma rotação do gado em diferentes parcelas de pastagem;
-
- O rebanho tende a ficar concentrado em espaços onde há sombra, ou próximos ao saleiro, à água etc., concentrando o pastoreio em algumas áreas (superpastejo) e o pisoteio acaba por enfraquecer o capim e compactar o solo e até causar erosão;
-
- O gado deixa de usufruir de outras áreas (subpastejo) em que o capim cresce até ficar fibroso, acumula matéria vegetal seca e o crescimento de plantas indesejáveis, que não nutrem o gado e aumentam o risco a incêndios;
-
- Este sistema extensivo sem divisões não respeita ciclo de produção das gramíneas e, desta maneira, o aproveitamento do capim pelo gado é muito baixo, refletindo pouco em ganho de peso do animal e/ou produção de leite;
-
- Este sistema produtivo é o padrão na maioria das pastagens na Amazônia e tem taxa de lotação animal de 0,4 até no máximo 1,5 unidades animais por hectare, que é abandonado quando sua produtividade é mínima;
-

Fonte: Adaptado de Almeida; May (2016)

3.4.2. Criações familiares e de PCT: manejos diferenciados, destino de produção

Diferente do modelo de produção convencional, os manejos utilizados por agricultores familiares e comunidades tradicionais fazem parte do sustento de seus modos de vida constituindo parte de suas economias. Diferente da lógica e estratégias comerciais, aqui os bovinos criados possuem múltiplas funções e significados, e o processo de decisão sobre quando e como criar passa pelo seio da família. Cada atividade deve antes de tudo, assegurar as principais necessidades da família. Implica dizer que a exploração econômica segue outra racionalidade, que não a de produtividade e de lucro exclusivamente. No caso do gado, uma das funções atribuídas a sua criação repousa em garantir recurso para as situações de extrema urgência na família, como doenças graves, óbitos, mas também casamento e instalação dos filhos em outras terras (FERREIRA, 2001; FERREIRA et al 2020).

Tanto o sentido de se criar bovinos como a forma e uso do espaço também são diferenciados nesta atividade ao ser desenvolvida por Comunidades Tradicionais, podendo ser realizadas em áreas individuais ou em áreas de uso coletivo. Nestes termos, as comunidades que detêm áreas coletivas, muitas vezes ficam vulneráveis face a expropriação de suas áreas, já que estas são essenciais para manutenção de suas culturas. Alguns direitos essenciais dessas comunidades são assegurados também pela permanência dos mesmos nas áreas ocupadas. Portanto, como forma de assegurar sua existência, em 2007, resultando da luta dos movimentos sociais, foi estabelecida a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, que de acordo com o art. 1º assegura os seguintes princípios:

II - A visibilidade dos povos e comunidades tradicionais deve se expressar por meio do pleno e efetivo exercício da cidadania;

III - A segurança alimentar e nutricional como direito dos povos e comunidades tradicionais ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambientais, cultural, econômica e socialmente sustentáveis;

V - O desenvolvimento sustentável como promoção da melhoria da qualidade de vida dos povos e comunidades tradicionais nas gerações atuais, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras e respeitando os seus modos de vida e as suas tradições;

VI - A pluralidade socioambiental, econômica e cultural das comunidades e dos povos tradicionais que interagem nos diferentes biomas e ecossistemas, sejam em áreas rurais ou urbanas;

VII - A promoção da descentralização e transversalidade das ações e da ampla participação da sociedade civil na elaboração, monitoramento e execução desta Política a ser implementada pelas instâncias governamentais;

VIII - O reconhecimento e a consolidação dos direitos dos povos e comunidades tradicionais;

IX - A articulação com as demais políticas públicas relacionadas aos direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais nas diferentes esferas de governo;

X - A promoção dos meios necessários para a efetiva participação dos Povos e Comunidades Tradicionais nas instâncias de controle social e nos processos decisórios relacionados aos seus direitos e interesses;
(BRASIL, 2007).

Legislações como essa se fazem importantes na defesa das práticas tradicionais, por que a ocupação por comunidades tradicionais é pautada na territorialidade. Isso

significa que, o espaço geográfico que é a terra ocupada por eles, funciona como fator de identificação, defesa e força, onde se estreitam laços solidários e de ajuda mútua, formando um conjunto de regras sobre uma base física considerada comum, essencial e inalienável. Partindo desse pressuposto, a noção de “tradicional” não se reduz apenas à história, ela incorpora as identidades coletivas redefinidas situacionalmente numa mobilização continuada, assinalando que as unidades sociais em jogo podem ser interpretadas como unidades de mobilização. Essa perspectiva territorial visa a criação de gado como fator de união de uma comunidade em prol da conservação de seu direito ao território e reafirmação de suas identidades (ALMEIDA, 2004).

Nesta lida com o gado realizada tradicionalmente, os camponeses que a exercem, geralmente como mão-de-obra das grandes fazendas, são chamados de vaqueiros. A principal figura que norteia esse modo de vida é o boi ou gado, que ao ser introduzido pelos colonizadores no território brasileiro foi decisivo na formação da identidade do vaqueiro, personagem principal da lida com o animal. Os vaqueiros podem ter origem de povos indígenas, negros e europeus, não se tratando exatamente de uma síntese desses povos, mas sim de uma alternativa comum encontrada por eles para sobrevivência longe de seus ambientais nativos (LIMA, 2020).

Nesta perspectiva, por vezes, estes conhecimentos desenvolvidos ao longo do tempo são o principal modo de sobrevivência das comunidades, onde a rotina de trabalho aparece em forma de sintonia entre a cultura e a natureza “selvagem”. Neste cenário a floresta torna-se uma paisagem cultural, onde os homens geradores da paisagem cultivada são vistos positivamente (HOELLE, 2021).

Os peões que formaram as populações desses territórios, em especial os retireiros do Araguaia, acabaram estabelecendo uma diferente relação com a pecuária, isso por que a criação do gado está diretamente ligada à alimentação, que está vinculada à cultura (HOELLE, 2021). Dentro da cidade de Luciara, a carne consumida é fruto dessas criações em pastagens nativas pelos retireiros, encurtando o ciclo de distribuição normalmente utilizado nas práticas convencionais, onde se fazem necessário grandes abatedouros e frigoríficos, estabelecendo uma relação diferente com a presença da carne bovina na alimentação. Salienta-se o fato que a criação de gado pelas Comunidades Tradicionais representa uma garantia de alimentação e fonte de renda para as famílias, tanto para beneficiamento do leite ou da carne, sendo utilizada como força de trabalho ou transporte, assim como uma poupança, ou um seguro para os imprevistos da vida (FERREIRA;

CLAUDINO; CARVALHO, 2020). Acontece que essas relações estão ameaçadas atualmente pela expansão do agronegócio.

3.5 Problemas socioambientais oriundos da pecuária/Características do que seria uma pecuária sustentável

Dos prejuízos ecossistêmicos que têm surgido graças ao crescimento da produção bovina, o principal se dá pela forma que é feita a criação dos animais, onde normalmente a semeadura das pastagens é baseada em um segmento onde se dá a retirada da vegetação. Gado e capim, via de regra, são manejados sem orientação técnica e com base em conhecimentos empíricos. O resultado sempre desencadeia em degradação da qualidade do pasto pelo sobre uso e falta de cuidados básicos. O movimento seguinte a exploração intensa poderá ser o abandono da área e a abertura de outras mais além, onde o custo da terra apresenta-se atrativo (RICARDO e CAMPALINI, 2008 p. 127).

A área de estudo selecionada está localizada nas margens do Rio Araguaia. Este curso d'água detém enorme importância para o Cerrado, cruzando os Estados de Goiás, Mato Grosso, Tocantins e Pará, representando uma grande fronteira ecológica de enorme importância ambiental, conforme aborda Duarte (2008 p: 56):

O rio Araguaia, principal curso d'água do Cerrado, que faz fronteira também com a Amazônia, consiste em um grande corredor de biodiversidade e é considerado um dos rios mais piscosos do país, apesar da diminuição no estoque observada nas últimas décadas, em função de impactos sobre o habitat das espécies e da pesca descontrolada e predatória. Pesquisas realizadas pela Universidade Federal de Goiás sustentam que, neste estado, restam apenas 27% da vegetação da bacia do Araguaia e que as mudanças sofridas por este sistema hidrológico representam hoje o exemplo mais expressivo de resposta geomorfológica em curto prazo ao desflorestamento em um grande sistema fluvial prístino, o que quer dizer que não há paralelo no planeta em termos de alterações ambientais tão drásticas e rápidas em um rio de grande porte.

Ademais “o desflorestamento da bacia é induzido em sua grande maioria pelas atividades agropecuárias, não afetando somente a biodiversidade, como gerando também processos erosivos e, conseqüentemente, da quantidade de sedimentos carreados para os cursos d'água” (DUARTE, 2008 p: 57). Para mitigar esses prejuízos faz-se necessário aprofundar a busca por técnicas que visem a sustentabilidade do sistema, caminhando no sentido contrário aos métodos aplicados em larga escala atualmente. Os impactos sofridos costumam ser mais custosos economicamente e ambientalmente, já que a perda da

biodiversidade ocasiona fenômenos ambientais que geram impactos diretos na sociedade. Buscando visualizar diferentes formas de produzir, nos debruçaremos a entender algumas práticas tradicionais que podem tornar a pecuária sustentável.

Cabe destacar que a busca por uma produção sustentável somente será alcançada no momento em que as prioridades do produtor visem conciliar os interesses dos animais, com as necessidades da área utilizada para realização do pasto, pois sem um controle efetivo os animais podem vir a destruir e degradar a pastagem. Neste sentido, a cultura de gado para ser sustentável deve se fundamentar em uma crença mais enraizada da relação do ser humano com o mundo natural, principalmente utilizando-se de paisagens naturais onde as criações podem vir a ser consideradas sustentáveis, por não degradarem o ecossistema (HOELLE, 2021). Existe uma diferença, portanto, entre o gado que é valorizado pelo que produz e o gado que adquire valor apenas quando é trocado, esartejado e convertido em produto e moeda. Essa diferença pode ser explicada ao se relacionar com o valor de uso e o valor de troca, que de acordo com Carcanholo (1998), o valor de uso está ligado a propriedade de satisfazer as necessidades do homem, enquanto o valor de troca diz respeito a comercialização do produto.

No caso dos retireiros, o gado é criado com único objetivo de servir de alimento para o homem, estando mais ligado ao valor de uso. Para estes, conforme aponta a autora Sales (2018) existe uma “forte ligação estabelecida entre comunidade e território. Para este retireiro, a terra tem outro significado, outro valor que não seja o financeiro”. Diferente da visão de latifundiários que têm invadido as terras, para eles a visão do território é outra, de acordo com a autora: “as pessoas que se apropriam deste lugar veem o território simplesmente como mercadoria, para o enriquecimento momentâneo, como oportunidade para predação dos bens naturais e obter lucro através dos tráficos de peixes e madeiras” (SALES, 2018). Por conta disso, cabe ressaltar que não é o fim (comércio e consumo) que importa, mas os meios, ou o processo de produção – os modos com que os humanos interagem com o gado para garantir os produtos e serviços que eles retiram e dos quais dependem.

4. METODOLOGIA

4.1. Origem da pesquisa

O ponto de partida dessa pesquisa se deu na visita a campo com o Projeto de Extensão Vivência Amazônica 2019, oferecido pelo Núcleo de Estudos Amazônicos (NEAz) do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM/UnB). O projeto tem como objetivo proporcionar a estudantes experiências práticas de diálogo horizontal com as diversas realidades da Amazônia Brasileira. Durante essa atividade em 2019, uma das regiões visitadas foi o Norte Mato Grossense, mais precisamente o município de Luciara, onde o diálogo de troca de saberes foi estabelecido com a comunidade de Retireiros e Retireiras do Araguaia. Essa visita gerou uma série de produtos em formato de textos, fotos, vídeos e áudios, que precisaram ser trabalhados pelos estudantes no retorno à universidade.

A pesquisa partiu de uma estrutura textual proposta pelo grupo no projeto pela comissão científica, para construção da série de Cadernos Vivência Amazônica, que tem como objetivo retratar algumas das experiências vividas pelos e pelas estudantes que participaram do Projeto, além de dar visibilidade aos modos de vida, ao trabalho e à cultura das comunidades vivenciadas, assim como suas relações com a natureza. Para isso é realizada a organização dos produtos gerados na visita de campo, estes são principalmente vídeos, fotos e áudios, organizados em pastas por Estado, Município, Comunidade. Para colheita de resultados dos áudios, que são principalmente das rodas de conversa, é realizada uma transcrição completa e detalhada, que em seguida pode ser sistematizada em temas.

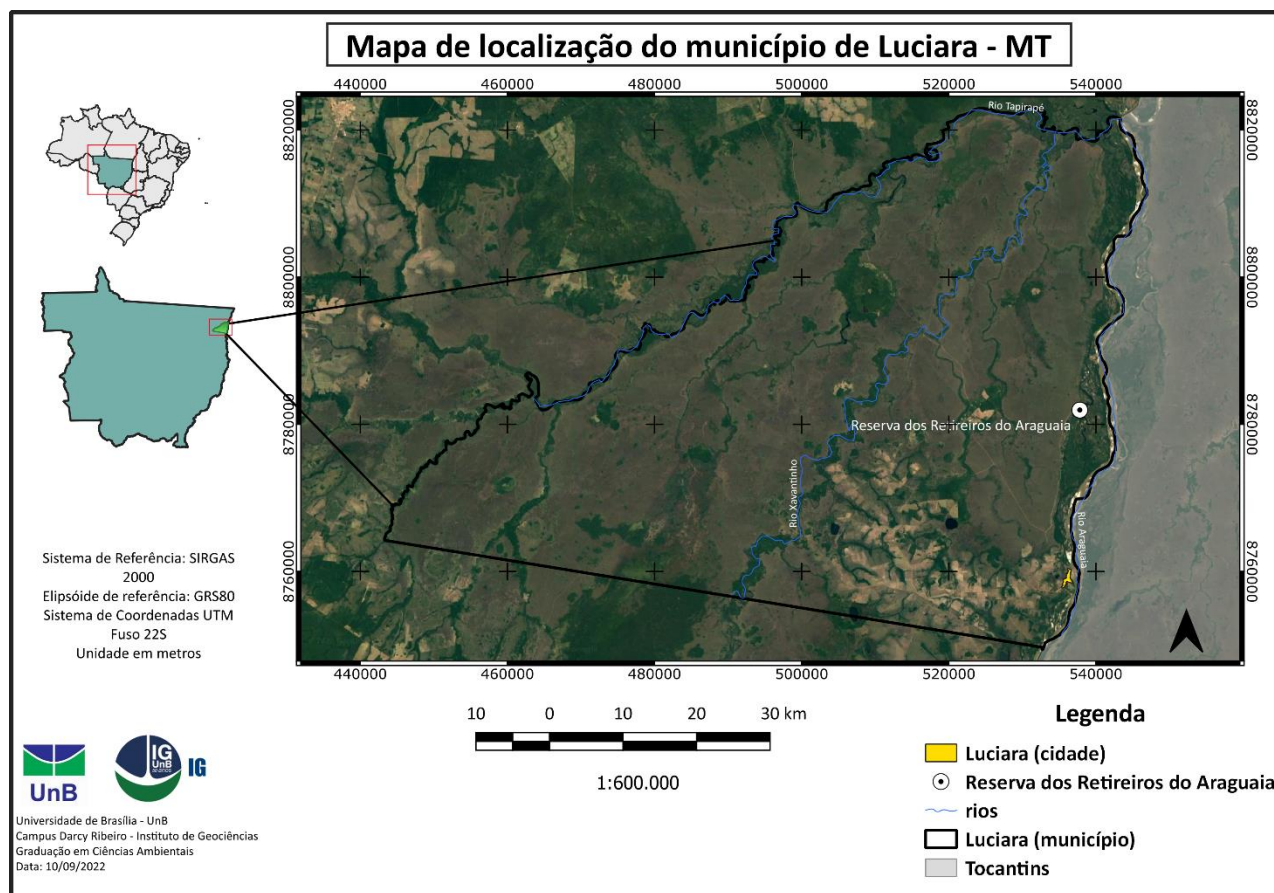
A pesquisa foi desenvolvida graças ao apoio oferecido pelo Programa de Iniciação Científica (ProIC), conforme as diretrizes do Projeto de Pesquisa: Territórios de Uso Comum na Amazônia como Alternativa Socioeconômica e Ambiental, com Plano de trabalho voltado para a temática: “Retireiros e Retireiras do Araguaia: modos de vida e trabalho”.

4.2. Localização da área de estudo

A comunidade dos Retireiros e Retireiras do Araguaia situa-se em Luciara, município localizado no Norte do Estado de Mato Grosso. O território está localizado em

uma região de fronteira entre os estados do Mato Grosso e Tocantins, as margens do Rio Araguaia, conforme observa-se na Figura 7, de localização da comunidade:

Figura 7 – Localização do Município de Luciara no Mato Grosso.



Fonte: SANTOS; SIMON, 2022.

Na área do município de Luciara, encontra-se a comunidade de Mato Verdinho, onde os retireiros e retireiras realizam suas atividades de criação de gado. As famílias que deram origem a este povoado, começaram a ocupar a área por meados de 1934, onde grande parte dos ocupantes da região seriam provenientes do Estado do Pará, isto pela proximidade proporcionada pelo fluxo do rio.

De acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, a população de Luciara era de 2.224 habitantes, distribuídos em uma área de 4.243,037 km². Segundo dados do Censo Agropecuário (2006), a principal produção de Luciara era a pecuária, ocupando uma área de 173.713 hectares. Cabe destacar que, deste total, 168.000 hectares pertenciam a produtores individuais (FIOCRUZ, 2013). Atualmente segundo o Censo Agropecuário de (2017), a produção

pecuária ocupa uma área de 154.860 hectares, onde a produção individual ocupa 137.420 hectares (IBGE, 2017).

4.3. Público estudado (amostragem)

A comunidade é composta por cerca de 94 famílias que vivem em terras atualmente classificadas como da União, além disso a região é ocupada não somente pelos retireiros, conforme a experiência obtida durante a Vivência Amazônica 2019, onde se visitou uma das aldeias indígenas que compõe o território. Por conta disso, salienta-se que esse estudo se dedicará a abordar o modo de vida dos retireiros e retireiras, não se aprofundando na relação com os indígenas.

4.4. Levantamento de dados: conhecendo a realidade

A coleta dos relatos se deu por meio de uma roda de conversa (Figuras 8 e 9) realizada na cidade de Luciara. Esta atividade teve duração de cerca de duas horas, contando após com uma visita a um dos territórios indígenas e uma breve passagem pelo território dos retireiros, não podendo visualizar com a atenção devida as características da região e nem os rebanhos, por conta da possibilidade de atolamento. Durante a conversa estiveram presentes 9 lideranças da comunidade, e a dinâmica da roda de conversa foi baseada na escuta ativa por parte dos estudantes. Nesse momento os retireiros e retireiras presentes partiam de uma breve apresentação para uma explanação sobre o território, em seguida os estudantes realizaram perguntas que buscaram desenvolver assuntos sobre modo de vida, relação com a biodiversidade, conflitos e luta com base na apresentação ocorrida.

As lideranças presentes apresentaram um panorama geral do cenário no território, compartilhando as trajetórias de luta e apontando algumas das técnicas que norteiam seu modo de vida. Os estudantes atuaram como ouvintes, coletando as falas por meio de gravadores, além de uma descrição detalhada que compôs um relato coletivo da viagem, em um caderno.

Figura 8 – Roda de Conversa: Retireiros e Retireiras do Araguaia.



Fonte: Acervo Vivência Amazônica, 2019.

Esta conversa teve como objetivo norteador a promoção da troca de conhecimentos e saberes tradicionais entre estudantes de diferentes cursos da UnB, movimentos sociais, povos indígenas e comunidades tradicionais, buscando uma maior compreensão da realidade das populações que vivem na Amazônia. Se baseia nos ensinamentos de Paulo Freire, que traz à tona a necessidade de dialogar e se relacionar com o próximo.

Bastaria que reconhecêssemos o homem como um ser de permanentes relações com o mundo, que ele transforma através de seu trabalho, para que o percebêssemos como um ser que conhece, ainda que este conhecimento se dê em níveis diferentes. [...] O que se pretende com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento “experencial”), é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível reação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la. (FREIRE, 1983 p: 30)

Figura 9 – Roda de conversa com lideranças da comunidade.



Fonte: Acervo Vivência Amazônica 2019.

Para além do trabalho de campo, essa pesquisa contou com um levantamento bibliográfico que buscou trazer embasamento teórico para a discussão da criação de gado no Brasil, norteando os principais conceitos abordados, utilizando dados primários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para elucidar o panorama do quantitativo de animais e para caracterização da região. Houve também a busca pelo entendimento de legislações que regulamentam e fortalecem a prática realizada por comunidades tradicionais. Para melhor visualização das experiências compartilhadas com os retireiros foi utilizado o Acervo Fotográfico da Vivência Amazônica 2019.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1. Quem são os retireiros?

A origem dos retireiros provém do processo de ocupação para criação de gado no município de Luciara, região norte do estado de Mato Grosso, onde o objetivo deste povoamento era que os indivíduos que vieram para região trabalhassem como vaqueiros. Portanto a sua experiência com o gado advém do seu trabalho nas fazendas como vaqueiros. O território onde se localizam os retiros (Figura 10) está nas margens do Rio Araguaia, tornando este uma parte essencial da cultura deste povo. O deslocamento para ocupação da região se deu principalmente pelo curso do rio, e outra forma além dessa, seria margeando o Araguaia acima, forma esta utilizada pelos indivíduos que seguiram tocando gado, vindo principalmente do povoado de Barreirinha, no Estado do Pará. As viagens já ocorriam baseadas no fluxo das águas na região, se dando principalmente no

período do verão (seca), pois os córregos e lagos da região enchem muito no inverno (período de chuva), dificultando a locomoção.

Figura 10 – Estrada que leva a comunidade de Mato Verdinho.



Fonte: Acervo Vivência Amazônica, 2019.

A formação dos seus rebanhos é proveniente do pagamento recebido pelos trabalhos nessas fazendas, onde ao final dos períodos os vaqueiros recebiam um ou dois bezerros como remuneração a mão-de-obra oferecida. Este sistema é denominado ‘sorte’ ou ‘laço’, e representa o pagamento do vaqueiro, que não tem rendimento financeiro mensal por essa lida com o gado. Esse pagamento se trata do recebimento de parte dos animais nascidos (bezerros ou bezerras), ao final de cada ano realiza-se essa partilha. Os retireiros recebem como pagamento uma proporção onde em média a cada quatro animais nascidos, um é utilizado como pagamento pelo serviço do vaqueiro. Parte daí a origem do rebanho destes retireiros.

Figura 11 – Bezerro utilizado geralmente como pagamento para os retireiros.



Fonte: Acervo Vivência Amazônica, 2019.

Uma das formas de beneficiamento dessa carne utilizada pela comunidade é a produção de paçoca de gergelim (Figura 12). A mesma é produzida pelas retireiras, as quais utilizam a carne do gado criado por eles em pastagens nativas: “tem a paçoquinha de gergelim preto socado no pilão, tem a paçoca de carne de sol que também é do nosso gado” (Retireira do Araguaia 1, Vivência Amazônica 2019).

Figura 12 – Paçoca de carne de sol com gergelim



Fonte: Acervo Vivência Amazônica, 2019.

A comunidade tem como característica o uso e a alimentação do rebanho provenientes do próprio sistema sócio produtivo, onde na região existem dois momentos importantes para consolidação da cultura:

Inverno: Ocorre o alagamento de algumas áreas, deste modo as gramíneas ficam submersas durante um período do ano, outras áreas ficam secas e permitem o pastejo do gado. Durante o período de alagamento, os retireiros deslocam o gado para as áreas secas, não estabelecendo o manejo fixo em um local específico, permitindo assim que não haja grande movimentação do gado em uma única região, o que geraria impactos como compactação do solo. O próprio gado já detém de conhecimento da rotatividade do pastejo, não se alimenta na mesma área por um longo período de tempo. A região alagada onde está a pastagem nativa é chamada de zona de várzea, mas para os retireiros denomina-se ‘varjões’.

Verão: O segundo momento trata-se do período de seca, onde os retireiros manejam o gado nestas áreas anteriormente alagadas. Isto porque as áreas apresentam enorme riqueza de nutrientes nas gramíneas nativas após submersas, representando um alimento nutritivo para o gado, sem grandes impactos ambientais.

Estes períodos se confirmam conforme os relatos:

Aqui nas ilhas, quando o varjão seca o capim vai aparecendo, quando as águas vão abaixando, onde pode ter vários lagos no meio do varjão, os lagos vão secando e o capim vai saindo, o nosso gado vai criando toda vida dele, só comendo verde. Então o gado faz o trieiro para não pisar em cima do capim, é muito inteligente, uma carreira naquele morro lá um atrás do outro, onde um pisa o outro não pisa, para não compactar o pasto, tudo isso é uma sabedoria do gado (Retireiro do Araguaia 1, Vivência Amazônica 2019).

A criação de gado pela comunidade segue, portanto, o movimento das águas, se dividindo principalmente nesses dois períodos bem marcados de seca e de cheia, conforme a fala de um dos retireiros a seguir:

A gente trabalha no movimento das águas, por isso chamam a gente de retireiros. O retiro, você vai e volta né, eu entendi o retiro assim, porque aqui uma época o rio enchia e tem lugar que dá uns 15 metros (Retireiro do Araguaia 1, Vivência Amazônica 2019).

Os retireiros são, portanto assim chamados porque vivem em áreas denominadas retiros, abrigos construídos nas zonas de várzea, que aqui chamaremos, conforme os

retireiros, de ‘varjão’, nas margens do rio Araguaia. Estas áreas são caracterizadas pelos diferentes níveis de água que dependem da época em que o período de enchente, a água transborda dos leitos e invade as áreas marginais, inundando-as em diferentes graus de intensidade. Essas áreas marginais que são inundadas periodicamente são os varjões. Já os retireiros são áreas para cuidar do gado na época de seca na região.

Figura 13 – Margem do Rio Araguaia na Cidade de Luciara – MT.



Fonte: Acervo Vivência Amazônica, 2019.

Conseqüentemente, para fazer o pastejo racional de Voisin, a alimentação do gado e o seu manejo utilizam-se de técnicas para ter um melhor uso da pastagem, que no caso dos retireiros são livres e de uso comum destinadas especificamente para isso, com estes dois grandes períodos bem marcados onde as práticas se alternam. Zootecnicamente esse manejo é chamado de ‘pastejo alternado’, onde os indivíduos ficam um longo tempo em uma área e depois em outra, o relato a seguir atesta essas informações:

No nosso território, a nossa vida é no movimento das águas, é seca e cheia, então todos os retireiros tem casa na cidade, mas também temos as nossas casas lá no Mato Verdinho, que é o nome do território geral. Dentro desse território a gente tem o Lago Jatobá, o Mato Verdinho, o Lago dos Veados, o Lago do Pachá, que é tudo território retireiro onde a gente tem o modo de vida tradicional que é criar o ‘gado na larga, criar o gado na solta’, que que é isso? As pastagens são naturais, a gente não planta.

(Retireira do Araguaia 1, Vivência Amazônica 2019).

O Retiro é um espaço com uma pequena construção de madeira, onde passam o período do “verão” que dura normalmente de maio a dezembro (oito meses), quando o rio baixa e retiram o gado para os “varjões”, nome dado às planícies inundáveis do rio Araguaia. Já o “inverno” tem duração de janeiro a abril. Com ele vem os alagamentos que tem como consequência a retirada do gado para a terra firme, ocupando as pastagens dos cerrados vizinhos aos varjões. Para que essa atividade fosse desempenhada dessa maneira houve o desenvolvimento desse conhecimento ao longo de décadas, fundamental para manutenção dessa forma de vida no Vale do Araguaia.

Portanto, na própria palavra dos retireiros, entende-se que eles seguem os ciclos da natureza, conforme o aparecimento das chuvas e do alagamento das áreas, eles têm que deslocar o gado procurando onde eles encontrarão comida. Dessa forma vão observando onde devem e não devem levar os animais, e dentro dessa paisagem de Cerrado encontram os insumos necessários para alimentação dos animais, composto primordialmente de elementos naturais, ligados ao funcionamento do ecossistema.

Esse gado, o único remédio que ele toma é a vacina porque é obrigatório, pela fiscalização do Estado e quando não tem muito capim a gente põe o sal, mas a alimentação dele é pequi, baru, flor de pequi, capim natural, capim nativo (Retireira do Araguaia 1, Vivência Amazônica 2019).

Figura 14 – Retireiro realizando o manejo do gado.



Fonte: Acervo Vivência Amazônica, 2019.

O modo de vida dos retireiros tem, portanto como característica a criação do gado livre, que é denominado ‘gado na larga ou gado na solta’, conforme afirmam em sua fala:

A gente tem o modo de vida tradicional que é criar o ‘gado na larga, criar o gado na solta’. O que é isso? As pastagens são naturais, a gente não planta, só que hoje também com o conflito, muitos retireiros tã abandonando a prática, encurralando o gado e plantando capim nos retiros (Retireira do Araguaia 1, Vivência Amazônica 2019).

Os termos ‘larga’ e ‘solta’ servem para dizer que não há cerca delimitada, o que delimita onde o gado vai são os cursos d’água. Ao contrário de outras práticas que se utilizam de piquetes na formação de suas áreas, nos retiros o que manda é o desenho geográfico da região. Com o cerceamento de áreas no território a vida dos retireiros sofre grandes ameaças, uma vez que estes necessitam acessar recursos específicos para sua produção. O limite delimitado pelo rio, que era regra anteriormente é descrito em uma das falas dos retireiros:

Meu pai numa fala quando fiz minha dissertação ele dizia: a nossa cerca antigamente era o Rio Araguaia, o rio Xavantim e o Rio Tapirapé, essa era nossas cercas antigamente, aí hoje a gente tem a cerca mesmo que impede esse modo de vida tradicional, e cada vez mais esse modo de vida está sendo exterminado, ele está (Retireira do Araguaia 1, Vivência Amazônica 2019).

Devido a dinâmica construída de acordo com os ciclos da natureza, no caso dos retireiros, para as famílias permanecerem criando gado com práticas tradicionais, o mais importante para sustentabilidade de seu modo de vida é que eles tenham esse território para utilizar com o rebanho deles. Além disso, cabe destacar que o papel da pecuária para os retireiros não é exatamente o de manutenção de sua renda, já que os retireiros não recebem sempre remuneração financeira por suas práticas, e sim de alimentação e autoconsumo do leite, podendo contar com a venda de bezerros para obtenção de uma renda que permite a realização de investimentos para o retiro e para a família. Cabe destaque a fonte de renda da comunidade, onde no dia a dia as mulheres desenvolvem outras atividades para manter seus modos de vida:

Os homens cuidam do gado no retiro, as mulheres ficam em casa, além de ficar com os filhos, para pôr na escola e também ajudar no financeiro da família, a mulher tem esse papel muito importante, de ajudar esses homens, filhos, maridos, irmãos que tão na lida, porque os retireiros do Araguaia não têm salário, então as mulheres muitas vezes são funcionárias públicas, e conseguem manter esse modo de vida (Retireira do Araguaia 1, Vivência Amazônica 2019).

Portanto percebemos que o homem da comunidade não tem renda todo o tempo, e as mulheres exercem importante papel na economia da comunidade. Estas mulheres não só trabalham na cidade como também realizam a confecção tradicional de bordados que representam elementos da cultura e território (Figuras 15 e 16), de acordo com a fala:

Nós trouxemos o bordado primeiro para fortalecer, as mulheres principalmente, e já é um saber tradicional, eu aprendi bordar com minha mãe, não sei se ela aprendeu a bordar com a mãe dela ou foi em curso, mas é um saber tradicional que a gente quis fortalecer ele e unir nosso conhecimento através do tecido para a resistência (Retireira do Araguaia 1, Vivência Amazônica 2019).

Figuras 15 e 16 - Ilustração do bordado realizado pelas mulheres retireiras.



Fonte: Acervo Vivência Amazônica 2019.

Vale enfatizar que até mesmo a prática do bordado está diretamente ligada a criação de gado pela comunidade, conforme visualizamos em trecho de uma cantiga utilizada pelas retireiras no momento de produção destes artesanatos:

Vamos que vamos mulheres, mostrando o nosso encanto bordando com mãos de fada o belíssimo ipê branco. Não podemos deixar de lado os nossos companheiros, que levam e trazem o gado como se fossem banzeiros, vem ver vem ver retireiras do Araguaia, bordadeiras do ipê (Retireiras do Araguaia, Vivência Amazônica 2019).

Com essas atividades é possível então que eles complementem sua renda e mantenham a família ao longo do ano, na alimentação e no deslocamento para que mantenham os rebanhos. Além disso cabe ressaltar que eles vendem principalmente os bezerros, e guardam as matrizes para dar continuidade ao aumento do rebanho para que haja mais indivíduos machos para comercialização e obtenção de renda. No geral, a produção resultante dessa criação de gado pelos retireiros é comercializada e consumida na própria cidade, para os açougues locais, representando importante fonte de alimentação para o município, conforme a fala de uma das retireiras:

A gente queria era o bem para a cidade, se tivesse criado a RDS nos tava lá garantido lá na terra e a Luciara não ia passar fome, porque se acabar os retiro a Luciara passa fome, porque sabe que o fazendeiro ele cria gado pra onde? Pro frigorífico, ele não vai criar gado para a cidade, eles iam comer carne do frigorífico. Eles não pensam isso. Os açougues aí tudinho compra gado da gente (Retireira do Araguaia 2, Vivência Amazônica 2019).

Isto significa que os animais são abatidos na cidade e geram uma carne fresca, não é uma carne oriunda de frigoríficos e já está presente no costume local. O que é evidenciado nessa fala é que, com a restrição do modo de vida dos retireiros, haverá também uma restrição no abastecimento de carne local, que passará a vir pelos frigoríficos e com o deslocamento da carne e todo o processo de comercialização tem um custo energético e chegará mais caro para os consumidores, isso vai influenciar na base alimentar do povo da cidade.

Em vista disso, podemos abordar que a estratégia utilizada pelos retireiros é completamente diferente de uma empresa, onde o foco não é exatamente o lucro, mas sim à garantia do modo de vida, onde o gado tem funcionado como uma espécie de poupança. A garantia financeira dessa pecuária é importante para manutenção de seus deslocamentos ao longo do ano, além do que quando você tem animais que são dali vendidos e abatidos no local, a carne tem um custo mais barato tanto na produção quanto no consumo.

Esse modo de criação e comercialização do gado pode ser denominado como 'circuito fechado', um circuito curto de produção. Porque os retireiros estão ali e se deslocam, mas o que eles produzem, o que tiram do ecossistema, a partir do pasto, vai para o gado que volta para alimentação da cidade e para própria alimentação deles. Então essa forma de pecuária tem sentido nesse ambiente, porque ela está em consonância com o ecossistema, onde ao mesmo tempo que entra nas atividades da comunidade, também é de onde vem a carne da cidade.

Portando, para a sustentabilidade desse modo de vida é importante a manutenção do território, para que eles possam se deslocar e manter suas práticas tradicionais. Isso vem sendo um problema para a comunidade desde meados de 2006, quando a comunidade inicia um movimento de demarcação do seu território, solicitando a transformação da área em Unidade de Conservação (UC), na categoria de Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), gerando conflitos na região.

5.2 Conflitos e manutenção do modo de vida

Para fortalecer o modo de vida da comunidade, no final dos anos 90, de os retireiros se organizaram formando a Associação dos Retireiros do Araguaia (ARA). Partindo dessa organização, em 2006 as lideranças retireiras propõe a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Mato Verdinho. Esse processo de demarcação

do território se consolidou como uma medida para assegurar o modo de vida e a permanência no local. Os Retireiros encaminharam uma proposta ao Ministério do Meio Ambiente (MMA), no ano de 2009, onde ocorre a elaboração de um relatório fundiário favorável à RDS Mato Verdinho e destina uma área de 110 mil hectares para Reserva, o que gera animosidade e conflitos na região. A proposta de transformação da área em RDS teve como referência a Portaria nº 9/2007 do Ministério do Meio Ambiente, a qual estabelece a área alagável do Rio Araguaia como “áreas prioritárias para a conservação da biodiversidade”. De acordo com relatos, esse conflito tem como consequência pressões psicológicas em cima dos integrantes da comunidade:

Teve essa pressão psicológica na nossa comunidade, então mudou toda uma opinião e colocou essa opção nossa da RDS como um projeto ruim, e hoje isso está sendo visto dessa forma, um projeto ruim que vai prejudicar, mas prejudicar a quem? Prejudicar o grande fazendeiro, o que faz a pratica da monocultura, que é da soja, do plantio direto, do envenenamento, que eu não falo defensivo agrícola, é o veneno direto, é agrotóxico mesmo (Retireiro do Araguaia 2, Vivência Amazônica 2019).

No processo de luta pela constituição de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) no território onde vivem as famílias retireiras, houve graves conflitos de sítio na cidade de Luciara, que tiveram seu estopim em 2013, envolvendo ameaças diversas à comunidade retireira. Os sítios ocorreram pelo movimento contrário a criação da reserva, onde os fazendeiros ao perceberem a vontade da comunidade em demarcar seu território e protegê-lo, fecharam as entradas da cidade e pressionaram as pessoas por um posicionamento, conforme relata um dos retireiros:

No bloqueio era assim, eles faziam uma pergunta: “você é contra ou é a favor?” Se você falasse que era a favor da reserva eles danavam, e se fosse contra igual eles abriam para você passar. Tipo uma pressão... vocês têm que mudar de opinião! (Retireiro do Araguaia 1, Vivência Amazônica 2019).

Portanto a sustentabilidade na região não é técnica, e sim social, onde as principais ameaças estão ligadas a questão do conflito e posse da terra. Isto se faz interessante porque a insustentabilidade do agronegócio está imbricada em termos técnicos, mas não se isenta das questões sociais envolvidas, apesar de nesse caso serem mais relacionadas a questões técnicas.

Toda a atividade desenvolvida pela comunidade tem relação direta com seu território, que são as áreas denominadas de retiro, onde a pecuária representa a principal característica que norteia os movimentos realizados pelos retireiros. O território é o principal componente de sua identidade, e trata-se do local onde é realizada a criação do gado. Nessa área ocorre a coleta de palha de piaçava, que é utilizada para construção dos barracões em cada retiro, e também a coleta de plantas, isso porque é composta por uma zona de cerrado mais preservada com enorme diversidade, que faz com que a movimentação dos retireiros e retireiras para criação do gado desencadeie outros fatores que compõe sua identidade, como a construção de abrigos e utilização de plantas medicinais.

Portanto, a importância ligada à territorialidade dos retireiros é transpassada por práticas de pastoreio e criação familiar do gado em pastagens naturais e comunais, onde a lida e criação do gado “na larga” permitiu à comunidade Retireira conviver com e nos varjões do Araguaia. Deste modo de vida e relação com o ecossistema tem-se o sustento, a vida e a convivência harmônica com as águas e o território. Então o que está em jogo hoje é muito mais a defesa dessa área como território retireiro, do que realmente o manejo do gado. Isso porque, o manejo do gado corresponde ao que eles querem manter, de forma que eles correspondem as legislações sanitárias normalmente exigidas e ao mesmo tempo não tem tido doenças no gado e nenhum outro tipo de preocupação na realização de suas práticas tradicionais, já que com os conhecimentos que eles detêm não comprometem seu modo de vida

O sistema empregado por eles é completamente diferente, não é pensado em uma estrutura produtiva convencional, e eles vivem assim a tempos. Eles são vaqueiros que buscam variar os locais de pastejo, e tem conhecimentos bem específicos quanto a isso, porque essas pessoas vão deslocar os animais para onde tem comida, então eles têm que entender muito bem onde estão. Por exemplo, na questão dos varjões, eles precisam saber a área que foi mais alagada e menos alagada, onde podem ou não podem ir. Ademais, existe hoje a discussão do sistema agrocerratense, que é de restauração produtiva. Os retireiros já utilizam de técnicas que permitem manter o cerrado nativo, preservando as gramíneas nativas do cerrado que são essenciais para o processo de infiltração das águas no solo. Isso poderia então até ser considerado uma restauração produtiva, onde podemos chamar de uma forma sustentável de produção.

6. CONCLUSÃO

Pelos aspectos abordados é possível constatar que o sistema empregado pelos retireiros e retireiras é completamente diferente do sistema convencional, não sendo pensado em uma estrutura produtiva, e eles vivem assim a um longo tempo. Estes indivíduos são vaqueiros que buscam variar os locais de pastejo, com conhecimentos específicos para isso, onde utilizam-se de técnicas que permitem a manutenção do Cerrado Nativo, preservando principalmente as gramíneas nativas que são essenciais para o processo de infiltração no solo. Percebe-se que o modo de vida dos retireiros está sendo ameaçado não somente pela atividade pecuária convencional em si, embora ela precise de atenção. Isso porque as atividades pecuárias dos retireiros são desenvolvidas no ambiente natural, significando que o ambiente de campos nativos da região é propício para isso, só que para efetivar esse costume eles precisam de liberdade para se deslocar dentro do território, onde possam acessar as áreas naturais. Se essas áreas naturais são cercadas e impede o uso por parte deles, restringe a forma de vida e eles vão ter que se adaptar ou deixar de ser quem são. Portanto é significativa a importância dos conhecimentos utilizados pelos retireiros e retireiras do Araguaia e para manutenção se faz necessário trazer visibilidade aos modos de vida e conflitos. O processo de criação da Reserva é uma forma de permitir que a prática se perpetue, visando por meio da preservação do ambiente, trazer a sustentabilidade do modo de vida. Por fim é importante ressaltar que nem toda prática pecuária é insustentável, mas que para a sustentabilidade ocorra é preciso buscar a utilização de diferentes técnicas de manejo, principalmente aquelas que tenham consonância com os ciclos naturais do ambiente e que as áreas de Campos Nativos apesar de oferecerem ambientes propícios para criação de gado devem ser manejadas a partir do conhecimento sobre os ciclos daquele ambiente, sendo passível também de degradação impactos a depender das práticas empregadas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, R. A patrimonialização das diferenças: usos da categoria "conhecimento tradicional" no contexto de uma nova ordem discursiva. Inovação Cultural, Patrimônio e Educação – Recife : Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2009.

ALMEIDA, B. W. A. Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. Al. – 2.^a ed, Manaus: pgsca–ufam, 2008.

ALMEIDA, B. W. A. TERRAS TRADICIONALMENTE OCUPADAS PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS – R. B. ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS, V.6, N.1 / MAIO, 2004.

ALMEIDA, R. Criação de gado na solta entre os Geraizeiros de Berizal, Alto Rio Pardo, Norte de Minas Gerais. BRASÍLIA – DF 2019.

ALMEIDA, S. C. M.; MAY, H. P. Gestão e governança local para a Amazônia sustentável: notas técnicas – 3 / Orgs. - Rio de Janeiro: IBAM, 2016.

BEEFPOINT. IBGE: rebanho de bovinos tinha 218,23 milhões de cabeças em 2016 – 2017. Disponível em: < <https://www.beefpoint.com.br/ibge-rebanho-de-bovinos-tinha-21823-milhoes-de-cabecas-em-2016/> > Acesso em: 11 de ago 2022.

BENATTI, H. J. Várzea e as Populações Tradicionais: A tentativa de implementar políticas públicas em uma região ecologicamente instável - A Função Socioambiental do Patrimônio da União na Amazônia, 2016.

BNDES. Um olhar territorial para o desenvolvimento: Centro-Oeste – Rio de Janeiro, 2014.

BONINI, I. Transição Amazônia-Cerrado: desmatamento e Colapso do ciclo hidrológico – Universidade do Estado do Mato Grosso, Nova Xavantina, 2019.

BRASIL DECRETO Nº 8.750, DE 9 DE MAIO DE 2016 - . Institui o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: <

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8750.htm> Acesso em: 11 de set de 2022.

BRASIL, LEI Nº 9.985, DE 18 DE JULHO DE 2000. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.html> Acesso em: 11 de set de 2022.

BRASIL. DECRETO Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.html> Acesso em: 11 de set de 2022.

CANUTO, A. Agronegócio: a modernização conservadora que gera exclusão pela produtividade Comissão Pastoral da Terra – CPT Correio eletrônico: REVISTA NERA – ANO 7, N. 5 – 2004.

CARCANHOLO, D. M. A importância da categoria valor de uso na teoria de Marx - PESQUISA & DEBATE, SP, volume 9, número 2(14), p. 17-43, 1998.

CARNEIRO, F. J. et al. O desenvolvimento da agricultura familiar e sua inserção na cadeia produtiva do leite na região de Imperatriz: principais características e desafios socioeconômicos. AGRICULTURA FAMILIAR: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento. RAF. v.14 , nº 1 / jan-jun 2020.

CARVALHO, H. S. I. A “pecuária geraizeira” e a conservação da biodiversidade no cerrado do Norte de Minas. Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA-NM) – 2014.

CASALDÁGLIA, D. P. Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social, 1971.

CIMI. Conflito entre grileiros e retireiros “fecha” a cidade de Luciara, MT. 2013. Disponível em: <<https://cimi.org.br/2013/09/35306/>> Acesso em: 22 de ago. 2022.

CNA; CEPEA - PIB DO AGRONEGÓCIO ALCANÇA PARTICIPAÇÃO DE 26,6% NO PIB BRASILEIRO EM 2020. Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA; Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA, 2021. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/releases/pib-agro-cepea-pib-do-agro-cresce-8-36-em-2021-participacao-no-pib-brasileiro-chega-a-27-4.aspx#:~:text=Diante%20do%20bom%20desempenho%20do,52%2C63%25%2C%20r espectivamente.>> Acesso em: 22 de ago. 2022.

Contas de ecossistemas : o uso da terra nos biomas brasileiros: 2000- 2018 / IBGE, Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, Coordenação de Contas Nacionais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

CPT - *Dados parciais da CPT: Violência contra ocupação e a posse, assassinatos de sem-terras e mortes em consequência disparam em 2021.* CRISTIANE PASSOS*/ *Maior ação de reintegração de posse em Rondônia repete os rastros do massacre de Corumbiara.* ANDRESSA ZUMPARO*/ *Tribunal Permanente dos Povos (TPP) discute injustiça hídrica e racismo ambiental contra os povos do Cerrado em Audiência das Águas (jornal físico), 2021.*

DUARTE, S. I. Impactos ambientais da produção de carne para consumo humano: a indústria da carne na contramão da tutela constitucional do meio ambiente - UFPE/CCJ/Faculdade de Direito do Recife, 2008.

EMBRAPA TERRITORIAL. **Agricultura e preservação ambiental:** uma análise do cadastro ambiental rural. Campinas, 2020. Disponível em: < www.embrapa.br/car/ / www.embrapa.br/en/car/sintese>. Acesso em: 11 set. 2022.

FERREIRA, A. L. et al. Caracterização da pecuária leiteira de base familiar no Estado do Pará: reflexões sobre práticas agroecológicas - AGRICULTURA FAMILIAR: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento. RAF. v.14 , nº 1 / jan-jun 2020.

FERREIRA, A. L. et al. Criação de bovinos em agroecossistemas familiares na América do Sul: diversidade, controvérsias e perspectivas. AGRICULTURA FAMILIAR: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento. RAF. v.14 , nº 1 / jan-jun 2020.

FERREIRA, A. L. Le rôle de l'élevage bovin dans la viabilité agro-écologique et socio-économique des systèmes de production agricoles familiaux en Amazonie brésilienne :

le cas d'Uruarà (Parà, Brésil). Paris: INA-PG, 286 p. Thèse de doctorat : Agronomie : Institut national agronomique Paris-Grignon, 2001.

FIOCRUZ. MT – Retireiros de Luciára lutam para garantir sua permanência no território e seu modo de vida tradicional.2013. Disponível em: <<http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/?conflito=mt-retireiros-de-luciara-lutam-para-garantir-sua-permanencia-no-territorio-e-seu-modo-de-vida-tradicional#fontes>> Acesso em: 22 de ago. 2022.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação? Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira prefácio de Jacques Chonchol 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983 93 p. (O Mundo, hoje, v. 24)

HOELLE, J. Caubóis da floresta: o crescimento da pecuária e a cultura de gado na Amazônia brasileira [livro eletrônico] / Rio Branco: Edufac, 2021.

IBGE - Censo agropecuário : 2017 : resultados preliminares - Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3093/agro_2017_resultados_preliminares.pdf> Acesso em: 11 de ago. 2022.

IBGE – Produção da Pecuária Municipal – 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/84/ppm_2016_v44_br.pdf> Acesso em: 11 de ago de 2022.

IBGE, PPM - Pesquisa da Pecuária Municipal, 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9107-producao-da-pecuaria-municipal.html?=&t=series-historicas>> Acesso em: 11 de set de 2022.

IBGE, Produção da Pecuária Municipal 2010; Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9107-producao-da-pecuaria-municipal.html?=&t=destaques>> Acesso em: 11 de ago de 2022.

LIMA, R. A. Comunicação de Conflitos: Enunciado de Caatingueiros Atravessados por Outros Mundos.Universidade de São Paulo/USP. São Paulo, 2020.

LÚCIO, B. L. S. Gestão participativa e conflitos socioambientais em áreas protegidas no Cerrado mineiro: a pecuária de solta na RDS Veredas do Acari/MG. Dissertação de Mestrado - Brasília, 2013.

MATTE, A. et al. Mercados da pecuária familiar no sul do Brasil: convenções e canais de comercialização da bovinocultura de corte. AGRICULTURA FAMILIAR: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento. RAF. v.14 , nº 1 / jan-jun, 2020.

MATTE, A; SEVERO, M. C. Políticas públicas para a pecuária no bioma Pampa: análises para Brasil e Uruguai AGRICULTURA FAMILIAR: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento. RAF. v.14 , nº 1 / jan-jun 2020.

MELADO, J. Pastagem ecológica e serviços ambientais da pecuária sustentável. Revista de Política Agrícola Ano XVI – Nº 3 – Jul./Ago./Set. 2007.

NEVES, L. S.; GERASEEV, C. L.; AUGUSTO, A. H. Dos saberes tradicionais à agroecologia: um estudo de caso das práticas agrícolas da comunidade vazanteira da Ilha do Jenipapo, Itacarambi-MG. AGRICULTURA FAMILIAR: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento. RAF. v.14 , nº 1 / jan-jun 2020.

O que é um Ecossistema e um Bioma. Dicionário Ambiental. ((o))eco, Rio de Janeiro, jul. 2014. Disponível em: <<http://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28516-o-que-e-um-ecossistema-e-um-bioma/>>. Acesso em: 11 de ago de 2022.

OLIVEIRA, U. A. A FRONTEIRA AMAZÔNICA MATO-GROSSENSE: Grilagem, Corrupção e Violência. São Paulo: Iandê Editorial, 2016.

PNCSA – Retireiros e Retireiras do Araguaia: Lutas, Território e Identidade / Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central – N. 14 (abr.) 2019.

Projeto MapBiomias – Coleção [7.0] da Série Anual de Mapas de Uso e Cobertura da Terra do Brasil, acessado em [11 de ago. 2022] através do link: [<https://mapbiomas.org/>]"

RICARDO, A. C. CAMPANILI, M. (Ed.) Almanaque Brasil Socioambiental 2007. Editora: Instituto Socioambiental Local Edição: São Paulo, Brasil, 2008.

ROSA, C. J. A Luta pela permanência na Terra dos Retireiros do Araguaia: Um caso empírico contrariando as “Sete Teses Sobre O Mundo Rural Brasileiro”, 2015.

SALES, L. T. Território Retireiro em Disputa: Cerca que divide e a perda do território de uso comunal dos Retireiros e Retireiras do Araguaia no mato grosso, 2018.

SEVERO, M. C. Políticas públicas para a pecuária no bioma Pampa: análises para Brasil e Uruguai. AGRICULTURA FAMILIAR: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento. RAF. v.14 , nº 1 / jan-jun 2020.

SOARES, B. A. L. Trilhas e caminhos: povoamento não indígena no Vale do Araguaia-MT, na primeira metade do séc. XX, 2004.

TEIXEIRA, C., J.; HESPANHOL, N., A. A trajetória da pecuária bovina brasileira. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.36, v.1, p.26-38, jan./jul. 2014.

VALENTIM, F. J.; ANDRADE, S. M. C. TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS DA PECUÁRIA BOVINA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA - Ci. & Desenv., Belém, v. 4, n. 8, jan./jun. 2009.

VEIGA, B. J.; TOURRAND, F. J.; PIKETTY, G. M.; POCCARD-CHAPUIS, R.; ALVES, M. A.; THALES, C. M. Expansão e Trajetórias da Pecuária na Amazônia: Pará, Brasil/ Brasília: Editora Universidade de Brasília, maio 2004.